

# É o parlamento, estúpido

» ORLANDO THOMÉ CORDEIRO  
Consultor em estratégia

Nas eleições presidenciais de 1992, nos Estados Unidos, cujos candidatos foram Bush (pai) e Clinton, o estrategista da campanha democrata, James Carville, cunhou uma frase em que destacava o fator-chave para o resultado do pleito: “É a economia, estúpido”. Com a vitória de Clinton, a afirmação ganhou fama mundial.

Em outubro teremos as eleições gerais no Brasil e, como de hábito, as atenções da mídia e da população estão concentradas na disputa presidencial. E é aí que mora o perigo. Nos primeiros anos após a redemocratização, a convivência entre os poderes Executivo e Legislativo foi marcada pelo normal e necessário processo de negociação política. Era uma relação razoavelmente equilibrada.

Entretanto, entre 2005 e 2017, tivemos os escândalos do Mensalão e do Petrolão, o impeachment de Dilma Rousseff e duas tentativas de afastamento de Michel Temer. Esses fatos em sequência foram responsáveis por gerar um desequilíbrio nessa relação em favor do aumento de poder do parlamento. E, no atual mandato, a situação chegou a níveis nunca antes vistos.

Diante da ameaça de impeachment, o presidente optou por entregar anéis e dedos ao Centrao. Com o Orçamento secreto, abriu-se a temporada de escândalos na execução das emendas parlamentares. Em uma atitude típica de um capo de máfia italiana, o presidente da Câmara dos Deputados, Arthur Lira, controla a distribuição desses recursos com mão de ferro, sendo um instrumento para viabilizar sua reeleição ao cargo e alcançar um poder ainda maior.

Não à toa criou um grupo para colocar em

discussão a proposta de semipresidencialismo. Mesmo que se possa defender tal modelo com base na experiência existente em algumas democracias europeias, é evidente que o real motivo é ampliar ainda mais a transferência do centro de poder do Executivo para o Congresso Nacional.

Outro exemplo das mudanças que fragilizam a democracia é a PEC aprovada pela Câmara Federal em setembro de 2021, alterando profundamente o Código Eleitoral e, agora, está prestes a entrar em votação no Senado. Com o argumento de que essa legislação precisa ser atualizada, estão sendo gestadas verdadeiras aberrações, tais como: permite a utilização dos recursos do fundo partidário, que é dinheiro público, para pagar qualquer tipo de despesa, inclusive multas; cria a possibilidade de parcelamento em até 60 meses dos valores a serem restituídos pelos partidos em casos de aplicação irregular; desobriga o detalhamento da prestação de contas de gastos partidários com pessoal; reduz a transparência eliminando a obrigação atualmente existente de prestação de contas durante as campanhas eleitorais via sistema próprio da Justiça Eleitoral; estabelece que a devolução de recursos públicos usados irregularmente pelos partidos ocorrerá apenas “em caso de gravidade”; revoga os crimes do dia da eleição, como o uso de alto-falantes, comício ou carreatas e boca de urna.

Enfim, é uma tragédia. A essas medidas somam-se aquelas já adotadas na minirreforma eleitoral de 2021, com destaque para as seguintes: redução drástica no número máximo

de candidaturas que os partidos podem apresentar, criando uma enorme vantagem competitiva para quem já tem mandato e dificultando o processo de renovação do parlamento; o vergonhoso aumento nos valores destinados ao fundo eleitoral; descriminaliza o transporte irregular de eleitores, tão comum nas periferias das regiões metropolitanas e no interior.

O Congresso Nacional tem uma imagem muito negativa, como revelam diversas pesquisas de opinião. Para a maioria da população, ali é um antro de corrupção e privilégios, o que acaba reforçando o ceticismo e provocando o aumento da abstenção e dos votos nulos ou brancos. Sem contar o fato, já comprovado, que a imensa maioria das pessoas não se lembra em quem votou nas eleições imediatamente anteriores.

Assim, cria-se um círculo vicioso, onde as pessoas honestas e competentes que se enchem de coragem para encarar o desafio de uma campanha eleitoral acabam sendo confundidas com a parcela de parlamentares responsável pela imagem negativa da instituição, abrindo espaço justamente para os candidatos que, apoiando-se em práticas não republicanas para a conquista do voto, acabam sendo eleitos ou reeleitos.

Ao constatar tais movimentos e atitudes, é imprescindível que comecemos a prestar muita, mas muita atenção mesmo, à eleição do Legislativo. Ali estão concentradas as principais decisões que interferem diretamente na vida do cidadão e nos pilares do Estado de direito democrático. Por isso, inspirado em Carville, afirmo: “É o parlamento, estúpido!”.

## Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

# O status que importa

Junto com o fenômeno nefasto da hipertrofia dos partidos políticos, todos eles super vitaminados com os bilhões de reais dos cofres públicos, nada mais natural que, com essa metástase, verdadeiro carcinoma no tecido institucional do país, surgisse também a figura da partidocracia. Nela, as legendas vão assenhoreando-se do poder, sem cerimônia alguma, contaminando a democracia com uma nova roupagem que nada mais é do que a própria ditadura, erigida por outros meios e que prescindem de canhões e outros equipamentos bélicos.

Sem uma reforma política e administrativa séria, que viesse pôr um fim às sinecuras a onerar os contribuintes, as eleições vão se transformando naquilo que elas possuem de essência, que é a perpetuação dessa gigantesca e inoperosa máquina do Estado. É justamente com as eleições, feitas nos moldes em que ditam os partidos e seus caciques, que todo esse arcabouço vai se estendendo no tempo, atando o país num burocratismo estatal que em nada se diferencia do antigo Brasil colônia.

Com isso, fica fácil deduzir que as eleições, a despeito da polarização e das brigas fratricidas que ocorrem e que podem recrudescer ainda mais, nada mudarão para os cidadãos, permanecendo o mesmo aparato estatal inerte, em que o Estado perdulário e indiferente às necessidades reais da população usa e abusa da nação, quer por meio de uma carga tributária, que é uma das maiores do planeta, quer por intermédio de leis que blindam o estamento e as elites no poder, fazendo do povo apenas um gerador de riquezas, pronto a alimentar todo esse Leviatã que não para de ganhar estatura. A dicotomia que faz do Brasil um país rico, povoado por uma população pobre, tem nesse modelo cruel no seu nascedouro e no prolongamento no tempo.

Portanto, não é de se estranhar que praticamente inexistente, entre nós, a figura de um político ou alto burocrata que tenha permanecido com o mesmo patrimônio depois de sair do poder. A escassez e mesmo a quase inexistência de verdadeiros homens públicos entre nós é o que nos diferencia do restante dos países desenvolvidos.

O pior nessa paisagem desolada e sofrida é que todo esse quadro, que antes tinha como personagens apenas os áulicos do Executivo e Legislativo, hoje vai sendo povoado também pelas figuras das altas Cortes, todos eles irmanados nesse projeto de manter o subdesenvolvimento do país. Assim, o que temos de fato, é que nenhuma eleição, dentro desse modelo perverso será capaz de mudar.

É uma elite de sibaritas, muito bem instalada nos píncaros do poder, imbuída de comandar os destinos do país de acordo com suas próprias regras, disposta a permanecer, a qualquer custo, onde estão e, para isso, comandam todo um circo de pantomimas, iludindo os eleitores com as prestigiações bem orquestradas que virão em outubro próximo. Não é por outra razão que dizem: o status que importa é o status quo.

### » A frase que foi pronunciada

“A inteligência não basta ao que aspira dirigir homens. Se à inteligência não se alia o caráter, o condutor de alma frágil baqueia na jornada.”

Assis Chateaubriand

### Protocolo

» Farmácias da capital têm tido dificuldades em manter o estoque de antibióticos infantis. Seria um facilitador para os pais se os pediatras colocassem pelo menos duas alternativas de medicamento nas receitas.

### Contra a lei

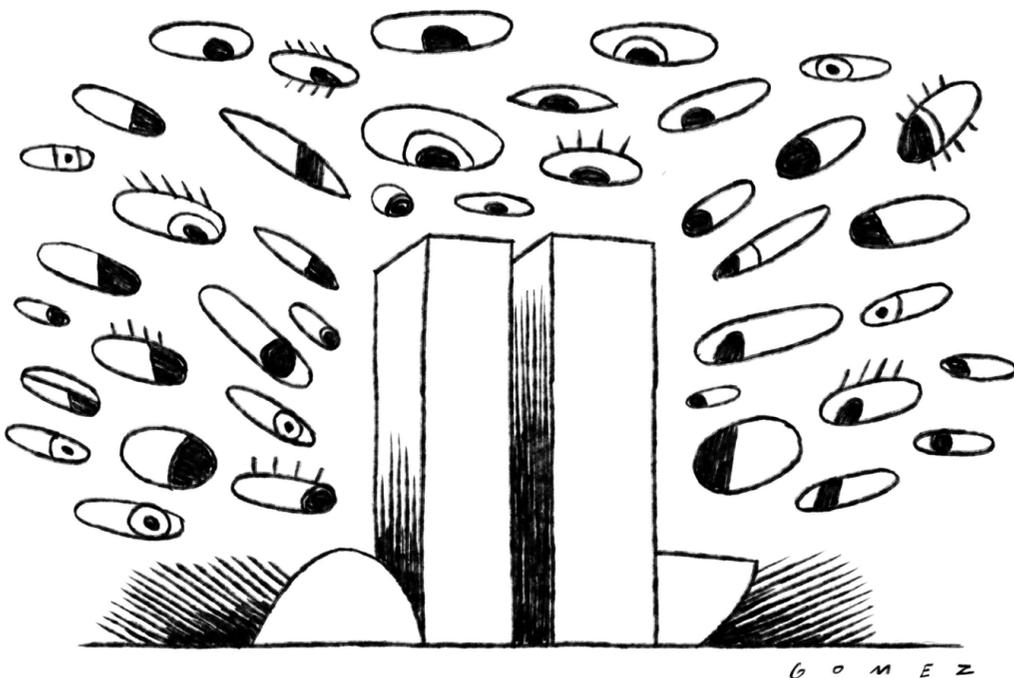
» Mais uma armadilha da Nestlé. Depois do “composto lácteo” em embalagem idêntica à do leite Ninho, agora, a “mistura láctea condensada” ganha a embalagem similar do Leite Condensado. Mesmo que a lei diga que induzir alguém ao erro e obter vantagem sobre a situação seja crime (artigo 171 do Código Penal Brasileiro), as novidades continuam tomando conta das prateleiras dos mercados.

### Pesquisas

» Hoje é possível avaliar a importância de se regular a divulgação das pesquisas eleitorais. Um leitor estranhou o ibope de Lula em relação a Bolsonaro na pesquisa do Ipec. “Se o ex-presidente não consegue nem passar mais nas feiras, que resultado é esse?”, indagou”. Os dados estão absolutamente corretos. Só que poucos meios de comunicação divulgaram que a entrevista foi feita com apenas 1.008 pessoas. Veja tudo sobre essa pesquisa no Blog do Ari Cunha.

### » História de Brasília

Um bujão de gás, de 13 quilos, que custava 590 cruzeiros, está custando, agora, 712 cruzeiros sendo este o maior aumento verificado nestes últimos tempos. (Publicada em 01.03.1962)



# O paradoxo do mercado de tecnologia no Brasil

» VITOR CAVALCANTI  
Diretor-geral do Instituto IT Mídia

Pelo menos nos últimos oito anos eu ouço, de forma enfática, que faltam profissionais qualificados para o mercado de tecnologia no Brasil, tanto do lado de quem vende tecnologia, quanto de quem compra. Mas nem todo apelo num país que soma milhões de desempregados e subempregados parece fazer diferença. Como noticiado recentemente pelo jornal Folha de S. Paulo, na contramão do mundo, o país reduziu a quantidade de pessoas formadas em áreas estratégicas (ciências, engenharia, matemática e computação) ou naquilo que o mercado convencionou chamar de Stem, usando a sigla em inglês para as mesmas verticais de formação.

Entre 2009 e 2019, a quantidade de diplomados nessas áreas caiu de 67 mil para 60 mil, de acordo com levantamento da consultoria IDados a partir de dados do Inep. Mas o buraco é mais embaixo. Com uma base fraca de matemática e lógica, meninos e meninas que se animam a estudar programação, por exemplo, encontram dificuldade imensa em avançar nesse tipo de curso e desistem. Lá na frente, isso impacta em graduandos, uma vez que, falhando em coisas básicas, a maioria optará por cursos que exijam menos esse tipo de conhecimento, resultando em um volume muito maior de pessoas formadas em ciências sociais, comunicação e negócios.

O grande problema é que a necessidade por profissionais 100% Stem ou mesmo com

habilidades tecnológicas e digitais só cresce. Nos próximos anos, a demanda por profissionais de tecnologias em nível iniciante, ou seja, programadores e suporte, até os mais seniores, como cientistas de dados e profissionais avançados em inteligência artificial e quântica, por exemplo, passará de 800 mil vagas, facilmente podendo chegar a um milhão de vagas, se utilizarmos informações tanto da Brasscom, quanto da McKinsey.

Para complicar ainda mais a equação, o país sofre com perda de capital humano, cuja concorrência deixou de ser apenas para propostas de expatriação. A pandemia acelerou a possibilidade de trabalhar remotamente a partir de qualquer lugar do mundo, assim, empresas brasileiras concorrem com companhias globais por profissionais vivendo em cidades brasileiras. Isso seria ótimo se formássemos pessoas na quantidade necessária para suprir nossa demanda e, também, exportar talentos, mas não é nem de longe nossa realidade.

Já passou da hora de entendermos que a falta de uma política clara de educação e incentivos para carreiras estratégicas comprometerão o futuro do país. Essa falta de pessoas bem capacitadas, entre inúmeros problemas, gera dois vácuos na economia: geração de empregos de qualidade, levados para nações que apostam e investem em profissões do futuro, e produção de tecnologia.

Existem diversas sementes plantadas para ajudar a formar mais gente. O Instituto IT Mídia, por exemplo, mantém há 14 anos o programa Profissional do Futuro, que concede bolsas em graduação de tecnologia. Foram mais de 650 bolsas, pouco para o tamanho do problema, mas o suficiente para mudar a história de 650 vidas. O mesmo Instituto lidera a plataforma Eu Capacito, que ajuda em duas frentes: despertar o interesse pela tecnologia e prover habilidades digitais e humanas. Em um ano e meio, mais de 800 mil pessoas foram impactadas com pelo menos 1 dos 135 cursos.

Se nosso ensino básico fosse de qualidade, eu poderia falar em 800 mil pessoas capacitadas, mas a maioria não consegue concluir um curso de programação pela falta de conhecimento básico de lógica. De novo, precisamos de um projeto de país que priorize a educação em todos os níveis e frentes e incentive carreiras estratégicas que nos levarão ao futuro.

Precisamos que cada vez mais empresas cumpram com seu papel social de apoiar projetos como os do Instituto, em promover alianças para apoiar a pesquisa das universidades públicas e a financiar projetos que advoguem pela qualidade do ensino básico. A educação transforma, mas, antes disso, precisamos de visão de país e mãos que apoiem para transformarmos não 600, mas milhares de vidas.